A (IN)DISCIPLINA ESCOLAR: IMPACTOS SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE

PINTO, Carmem Lúcia Lascano - UNISINOS - carminha@ufpel.tche.br
FONSECA, Denise Grosso da - UNISINOS - dgf.ez@terra.com.br
GT: Formação de Professores / n. 08
Agência financiadora: CNPq/UNISINOS

Estudar disciplina/ indisciplina implica em refletir acerca de vários fatores que compõem sua gênese e que caracterizam sua complexidade. O tema tem ocupado um espaço cada vez maior no cotidiano escolar e vem se tornando um desafio para professores e gestores educacionais que não sabem como proceder para impedir ou minimizar conflitos presentes desde a educação infantil até o nível superior, nas instituições de ensino públicas ou privadas e que se manifestam nas relações dos alunos entre si, dos alunos com os professores e com o ambiente físico, situações que precisam ser resolvidas em sala de aula, de um modo geral, entre o professor e o aluno.

O fenômeno indisciplina, caracterizado por sua multiplicidade de causas e efeitos, tem sido estudado sob a perspectiva psicológica, bem como sociológica. No entanto, esta investigação examina a questão pedagogicamente e, mesmo considerando os limites e restrições deste olhar, procura contextualizar a temática entendendo-a no cotidiano da escola, com todos seus rituais e condicionantes, inserida em um espaço-tempo mais amplo: a sociedade brasileira do século XXI e suas dissonâncias sócio-político-culturais.

> Tomar a indisciplina e outros comportamentos disruptivos como fenômenos complexos ditados pelos novos tempos pedagógicos significa conceber a reação professor-aluno como necessariamente conflitiva. Mais ainda: significa concebê-la como um continente sempre mutante e deveras distinto das monocórdias imagens que acalentamos sobre a ambiência escolar (AQUINO, 2003, p. 16).

Escola e disciplina (tanto do ponto de vista do saber, como de comportamento) sempre estiveram associadas, desde os meados do século XIX, com a institucionalização da escola como aparelho reprodutor do estado, pela implantação da racionalidade moderna e com a emergência dos modos de produção industrial, em que passa ser valor respeitar horários, hierarquias, regras. O que muda hoje? Aquilo que se concebia como escola, como aluno já não mais se sustenta! Tínhamos alunos da elite,

“naturalmente” disciplinados e casos de indisciplina, quando existam, eram pontuais, eram questão de comportamento individual. Hoje, esta discussão passa a ser entendida como uma questão social e mais complexa. Portanto, a escola não pode mais (se é que pode algum dia) dar conta da “disciplina” da mesma forma como antes o fazia o que, talvez, a deixe, e a todos que nela estão, perdidos. Temos avançado, enquanto educadores, na compreensão de que a escola precisa ser um espaço aberto e que é um espaço conflitual, entretanto, como fazê-la assim, se sempre foi sinônimo de regulação? Quais energias emancipatórias mobilizar e como, num lócus tão perversamente condicionado e condicionador dos sujeitos que aí vivem? Ao mesmo tempo, como buscar soluções para a (in)disciplina, não só nas suas causas e conseqüências, e sim, sem “pré-conceitos”, na compreensão do que a mantém e pereniza?

A excessiva simplificação do problema da (in)disciplina, por outro lado, e a falta de distância crítica em relação à naturalização do conceito, são agravados pelos discursos alarmistas, instigados através da mídia na opinião pública, o que gera na escola e nos professores um mal-estar e um constrangimento evidente à discussão da temática.

Vivemos hoje a perda do espaço da escola (a TV e a INTERNET impõe-se); os professores, por sua vez, sentem-se, cada vez mais “incompetentes” para dar conta de todas as solicitações, intensificando seu trabalho e regendo-se por uma lógica de consumo dos saberes escolares e de diversificação de públicos que habitam as escolas. Frente a tudo isto e assistindo a violência “explícita como moeda de troca nas relações sociais” ante a violência como “novo código da sociabilidade”, é fundamental repensar a função da escola e do educador (OLIVEIRA, 1998, p. 230).

É dentro deste contexto que se faz necessário discutir acerca de questões como autoridade/disciplina/liberdade. Que autoridade/disciplina/liberdade deve ser desempenhada para auxiliar as pessoas na decifração do mundo? Será a que tem por base a força ou a que tem por fundamento a ética, a competência, o diálogo? Como entender e desvelar causas estruturais que provocam marginalização e exclusão? Como perceber a realidade cercada por contradições sócio-históricas, condicionadoras de concepções e práticas de vida? Como construir referenciais que auxiliem na percepção e análise de processos autoritários? Como falar em liberdade hoje, nas condições em que os homens se encontram?

Todos estes questionamentos acompanham a investigação, que tem um enfoque qualitativo, usando os princípios de pesquisa-ação, embasada substancialmente no diálogo freireano. A sustentação teórica considera estudos sobre a temática a) (in)disciplina/autoridade/ poder/autoritarismo, liberdade/licenciosidade, ordem/desordem, limites/exigência/ rigidez/rigor/, principalmente nas obras de Paulo Freire (1982, 1985, 1994, 1996, 1997, 2000), Gomercindo Ghiggi (1992, 2002), Bourdieu (1989), D'Antola (1987), Aquino (1999, 2003), Estrela (1986,1994), Foucault (1993) e Correia e Matos (2001), b) escola, nas obras de Apple (1997,1999), MacLaren (1991,1998, 1999), Giroux (1998), Xavier (2002) e c) Prática docente em Freire (obras já citadas), Tardif (2002).

A parte empírica envolve diálogos e discussões sobre concepções e práticas docentes: visões de educação, ensino, aprendizagem, (in)disciplina, leituras de livros, textos e relatórios de pesquisa que tratam da temática e/ou da abordagem metodológica da pesquisa-ação, entrevistas semi-estruturadas, individuais e coletivas, análise de registros e documentos, observações e diário de campo.

Portanto, o objetivo central deste projeto, no diálogo com supervisores, orientadores educacionais e professores de uma rede municipal de ensino no Rio Grande do Sul, é promover discussões que (re) signifiquem o papel do professor como autoridade pedagógica, ética e competente e, ao mesmo tempo, o papel da escola enquanto espaço formativo. Acreditamos que, para além de atender a esta rede de ensino, que buscou a parceria espontaneamente para estas discussões, os resultados deste trabalho, juntamente com outras pesquisas já realizadas, poderão se estender não só a outras redes, como às Universidades que se ocupam com a formação de professores. Pensamos que o olhar pedagógico contextualizado pode avançar na compreensão da temática, que tem assumido uma complexidade maior frente aos desafios de nosso tempo.

Até o presente momento já foram realizados estudos sobre a temática e a metodologia da pesquisa. Realizou-se também a caracterização diagnóstica do contexto das escolas envolvidas. De imediato a investigação indicou: 1. tratar desta problemática implica em lidar com realidades, concepções e fenômenos heterogêneos; 2. escola e indisciplina sempre estiveram associados; 3. juízos morais e políticos sempre estarão presentes nos estudos sobre a temática, mas precisamos analisar o fenômeno disciplina na sua totalidade e complexidade. Até então concluímos que precisamos: a)desmanchar

mitos, contrapor concepções (professor/aluno; aluno/aluno; equipe diretiva/professor/aluno); b)evitar posições extremas – não dramatizar e não ignorar as questões de disciplina/indisciplina; c) colocarmo-nos numa perspectiva de reflexão e análise; d)tentar entender como os discursos são construídos, desvelando-os e questionando-os; e)revelar (desvelar) a fragilidade da ordem escolar, localizando-a no espaço da ordem social. Para, além disso, a análise dos tensionamentos anteriormente apontados tem permitido ao grupo avançar na compreensão do cotidiano escolar e da questão da (in) disciplina.

O projeto vem cumprindo seus objetivos, uma vez que tem oferecido aos supervisores, orientadores educacionais e professores da rede municipal, assim como aos demais componentes da equipe de pesquisa (doutorandos, mestrandos e bolsistas de iniciação científica) a possibilidade de conhecer melhor a realidade da escola, dos alunos e compreender a complexidade do fenômeno da (in) disciplina. Além disso, é importante ressaltar o protagonismo dos interlocutores no processo de construção do conhecimento acerca da temática, uma vez que têm participado ativamente do de todas as etapas da pesquisa, enriquecendo-as com sugestões que venham a atender às necessidades ligadas a sua prática e que, conseqüentemente, os instigam a conhecer mais.

Assim, ao entendermos melhor a temática pretende-se “buscar alternativas de sociabilidade”, alternativas democráticas que apontem para horizontes de “emancipação”, que neutralizem o risco de erosão do contrato social (Santos, 1995).

Acreditamos que essas alternativas democráticas passam, necessariamente, por um diálogo rigoroso, que não quer dizer “rigidez”. “O rigor vive com a liberdade, precisa da liberdade” (FREIRE, 1987, p. 98). Por outro lado, “a liberdade precisa de autoridade para se tornar livre” (Ibidem, p.115).

Referências Bibliográficas:

APPLE, Michael W. *Os Professores e o Currículo:* Abordagens Sociológicas. Porto: Porto Editora 1997.

_____. *Políticas culturais e educação.* Porto: Porto Editora, 1999.

AQUINO, Júlio G. (org). *Autoridade e autonomia na escola*. São Paulo: Summus, 1999.

_____. *Indisciplina:* o contraponto das escolas democráticas. São Paulo: Moderna, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil S/A, 1989.

CORREIA, José Alberto; MATOS, Manuel. *Solidões e solidariedades nos quotidianos dos professores*. Porto: Edições Asa, 2001.

D'ANTOLA, Arlete (org.). *Disciplina na escola:* autoridade versus autoritarismo. São Paulo: EPU, 1987.

ESTRELA, Maria T. *Une étude sur l'indiscipline en classe*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.

_____. *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. Porto: Porto, 1994.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 11.ed. Rio de janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. *Pedagogia da Esperança*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. *Pedagogia da Indignação:* cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e ousadia:* o cotidiano do professor. 5.ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GHIGGI, Gomercindo. A disciplina e o processo pedagógico: considerações a partir da proposta de Anton S. Makarenko. *Cadernos de educação.* Pelotas, FaE/UFPEL, n. 1, p. 27-30, nov. 1992.

_____. *A pedagogia da autoridade a serviço da liberdade:* diálogos com Paulo Freire e professores em formação. Pelotas: Seiva, 2002.

GIROUX, Henry. Freire e a Política de Pós-Colonialismo. In: MCLAREN, Peter; LEONARD, Peter; GADOTTI, Moacir. *Freire:* Poder, Desejo e Memórias de Libertação. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

MCLAREN, Peter. *Rituais na Escola*. Em direção a uma economia de símbolos e gestos na educação. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. A pedagogia da possibilidade de Paulo Freire. *Educação, Sociedade & Culturas* – Paulo Freire. Porto: Afrontamento, n. 10, p. 57-82, 1998.

_____. *Utopias provisórias:* as pedagogias críticas num cenário pós-colonial. Tradução de Helena Beatriz Mascarenhas de Souza. Petrópolis: Vozes, 1999.

OLIVEIRA, Francisco de. *Os direitos do antivalor.* Petrópolis: Vozes, 1998.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice:* o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional.* Petrópolis: Vozes, 2002.

XAVIER, Maria Luisa (org.). *Disciplina na escola:* enfrentamentos e reflexões. Porto Alegre: Mediação, 2002.